

A VARIAÇÃO LEXICAL EM ATLAS LINGUÍSTICOS PAULISTAS: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE “CHUVA”

Irenilde Pereira dos SANTOS
Universidade de São Paulo
E-mail: irpesan@usp.br

Resumo: Do ponto de vista lexical, os atlas linguísticos contêm cartogramas que espelham a frequência e a distribuição de um dado fenômeno lexical num espaço específico. Entretanto, o saber/fazer geolinguístico não se circunscreve a um conjunto de cartogramas. Na verdade, os itens lexicais que constam dos atlas linguísticos integram a atividade linguística produtora de sentidos que se desenvolve numa rede de pontos, em relação a um dado tempo histórico. Com base nessas considerações, o presente trabalho tem os seguintes objetivos: (i) analisar os itens lexicais que sujeitos paulistas utilizam com referência ao mundo/espaço dito real; (ii) investigar como esse mundo/espaço é elaborado e reelaborado por esses sujeitos na interação social. Ao referencial teórico-metodológico da Geolinguística, este trabalho acrescenta elementos da Análise do Discurso e da Semântica Interpretativa (RASTIER, 1987). O *corpus* é constituído dos itens lexicais que constam das respostas a uma questão relacionada a “chuva”, extraídos do **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba** e o **Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC**. A análise mostra uma variação diatópica relativamente significativa e revela elementos do contexto sócio-histórico de duas regiões do Estado de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística; Atlas linguístico; Atlas semântico-lexical; São Paulo.

1 Introdução

O léxico de uma língua natural constitui uma das vias principais de que dispõem os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes, para expressar o mundo/espaço dito real. Por essa razão, tem sido objeto de estudo de várias áreas da Linguística. Entretanto, a complexidade do léxico e a dificuldade para encontrar um referencial teórico-metodológico adequado para tratamento dos dados semântico-lexicais têm trazido não poucos desafios ao pesquisador que trilha as veredas da Geolinguística.

Voltado para esses desafios, o presente trabalho parte do pressuposto de que o saber/fazer geolinguístico vai além dos dados expostos nos cartogramas¹ lexicais constantes dos atlas linguísticos e dos atlas semântico-lexicais. Chama a atenção para o fato de que os itens lexicais inseridos nos trabalhos de Geolinguística integram a atividade linguística produtora de sentidos, que se desenvolve num dado espaço e em relação a um tempo histórico.

¹ Cartograma designa “um esquema representativo de uma superfície ou parte dela, sobre a qual são apresentadas informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos.” (IBGE, 2008).

Na verdade, este trabalho retoma e discute uma perspectiva de abordagem do componente semântico-lexical já anunciada anteriormente (SANTOS, 2005; 2006, 2008, 2009), qual seja, a de mostrar as aproximações que podem ser efetivadas entre a Geolinguística, a Análise do Discurso e a Semântica Interpretativa proposta por Rastier (1987), com vistas à análise dos dados semântico-lexicais dos atlas linguísticos e dos atlas semântico-lexicais.

Com base nessas considerações, o presente trabalho tem os seguintes objetivos: (i) analisar a designação que os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes de uma dada localidade, atribuem ao mundo/espço dito real; (ii) investigar como esse mundo/espço é elaborado e reelaborado por esses sujeitos na interação social.

O *corpus* é constituído dos itens lexicais registrados nas respostas dos sujeitos a uma questão de dois atlas semântico-lexicais – o **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba** e o **Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC**. A questão selecionada, que consta do questionário ² semântico-lexical utilizado no Projeto Atlas Linguístico do Brasil, é - “_____ uma chuva de pouca duração, forte e pesada?”.

2 Variação lexical e saber/fazer geolinguístico

O exame dos atlas linguísticos bem como dos estudos geolinguísticos produzidos no Brasil nas últimas décadas evidencia o interesse crescente pelo enfoque do componente semântico-lexical por parte de todos quantos se dedicam à Geolinguística. Esse interesse começa ainda em meados do século passado, quando Silva Neto (1957) e Nascentes (1958) apontam elementos para o enfoque do componente semântico-lexical, dentre os quais se destacam as orientações para a coleta de dados e as propostas de questionários.

A esse interesse inicial soma-se o esforço bem-sucedido dos autores dos atlas linguísticos brasileiros na busca para retratar a variação lexical de cunho diatópico, que resulta na elaboração de um sem-número de cartogramas lexicais na maioria dos trabalhos produzidos no último quartel do século XX. Mais recentemente, esse interesse é intensificado com a inserção de tabelas nos atlas, as quais têm posto em destaque as variáveis de gênero e faixa etária. Ainda com relação ao componente semântico-lexical, alguns desses trabalhos têm incluído os comentários do autor, a transcrição da fala dos sujeitos e o banco de dados, este último sob a forma de CD-Rom.

Acrescenta-se a essa produção bastante expressiva um número relativamente grande de estudos geolinguísticos, artigos e capítulos de livro que têm buscado focalizar um dado item lexical, vários itens lexicais ou uma determinada área semântica. O mérito desses trabalhos reside em colocar em foco o componente semântico-lexical, tarefa que um atlas, por visar à descrição da totalidade dos dados coletados, não logra fazer. De modo geral, a maioria desses trabalhos têm-se concentrado no retrato da frequência e da distribuição de um fenômeno num dado espaço. Poucos vão além dos cartogramas e das tabelas. Embora o binômio quantificação/cartografação de dados seja relevante, uma vez que constitui tarefa urgente a descrição do Português do Brasil, há outros elementos a serem considerados. Os dados semântico-lexicais se inserem na atividade discursiva intersubjetiva, em outras palavras, eles fazem parte da atividade linguística de sujeitos em interlocução. Dessa forma, é possível afirmar que os itens lexicais

² Na Geolinguística, o questionário constitui o instrumento utilizado para a coleta de dados. Há vários tipos de questionário, selecionados de acordo com o componente linguístico que se quer examinar – questionário fonético-fonológico, semântico-lexical e outros.

que constam dos estudos geolinguísticos e atlas linguísticos são parte integrante da atividade linguística produtora de sentidos, que se desenvolve em relação a um dado tempo histórico e no seio de uma comunidade linguística localizada num determinado espaço. (SANTOS, 2009, p. 314).

Como se trata de um saber/fazer voltado para o aspecto diatópico, o espaço remete ao ponto³ ou rede de pontos em que habitam os sujeitos, enquanto membros de determinados grupos sociais. O espaço não se circunscreve ao elemento físico. Como esclarece o geógrafo Milton Santos (1996, p. 83),

A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações realizadas entre o homem e a natureza. **O espaço são essas formas mais a vida que as anima.** [...] A paisagem é, pois um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; **o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.** (grifo nosso)

Assim, não apenas para a Geografia como também para a Geolinguística, o espaço supõe a presença do homem e um sistema de valores que se transforma constantemente. Nele habitam, portanto, sujeitos que interagem a todo instante, na atividade discursiva, com relação a um tempo histórico. Este último reporta-se à época em que os sujeitos vivem. Não constitui um marco tão-somente cronológico, pois, nas relações intersubjetivas, num dado espaço, encontram-se traços da época em que o sujeito vive.

Em suma, os itens lexicais constantes dos atlas linguísticos, atlas semântico-lexicais e estudos geolinguísticos fazem parte dos discursos de uma dada comunidade e são produzidos na interação entre sujeitos, em torno dos quais se organizam as referências de espaço e de tempo, de modo explícito, ou não. Dessa forma, os itens lexicais que integram os discursos de um grupo social de um dado ponto carregam sentidos que revelam elementos do espaço em que os sujeitos habitam, bem como as transformações sócio-históricas dos grupos sociais de que fazem parte. Deste ponto de vista, as escolhas lexicais relacionam-se ao espaço em que os sujeitos vivem e desvelam a ligação destes com o contexto sócio-histórico dos grupos sociais a que se vinculam.

Na Geolinguística, é frequente a existência de mais de um item lexical numa resposta a uma dada questão do questionário semântico-lexical - QSL. Em geral, a uma parte significativa das respostas do QSL correspondem vários itens lexicais. Desse modo, é possível afirmar que a variação semântico-lexical, qual seja, a ocorrência de diferentes itens lexicais resulta da elaboração e reelaboração que os sujeitos em interlocução fazem da realidade, em outras palavras, de como analisam o contexto sócio-histórico nas relações intersubjetivas. Por essa razão, muitos itens lexicais encontrados nas respostas ao QSL não constam dos dicionários, glossários e vocabulários; outros, mesmo que integrem o rol das acepções desses documentos lexicográficos, apresentam sentidos diferentes daqueles encontrados nos trabalhos de Geolinguística.

As afirmações que acabam de ser feitas conduzem a uma pergunta:

Como é possível apontar os sentidos dos itens lexicais em Geolinguística?

A resposta, bastante complexa, começa pela investigação dos sememas dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos em interlocução.

Originalmente, o semema pertence ao sistema funcional da língua (RASTIER, 1987, p. 44) e se define como um conjunto de semas⁴. De acordo com Rastier (1987, p. 44),

³ Na Geolinguística, o ponto designa a localidade pesquisada.

⁴ Segundo Pottier (1987), o sema é um traço pertinente semântico.

constitui-se de semas: (i) inerentes; e (ii) aferentes. Enquanto aqueles se caracterizam como denotativos, distintivos, definitórios e universais, estes emergem de normas socializadas e da interação discursiva. Os semas inerentes provêm do sistema funcional da língua, ao passo que os aferentes resultam de um determinado emprego contextual que acaba sendo incorporado ao semema. A combinatória dos semas torna possível a inclusão de um dado item lexical num determinado domínio, que constitui um grupo de taxemas, que, por sua vez, são classes mínimas de sememas. (RASTIER, 1987, p. 274 e 276).

Após essa breve exposição sobre a relação variação lexical e saber/fazer geolinguístico, verifica-se que os itens lexicais que constam das respostas dos sujeitos às questões do questionário semântico-lexical mostram: (i) a variação lexical, isto é, os itens lexicais utilizados por esses sujeitos com referência ao mundo/espaço dito real; (ii) os vários sentidos desses itens que integram o contexto sócio-histórico das regiões examinadas.

3 Análise dos dados

Como é possível revelar a variação lexical em duas regiões do Estado de São Paulo?

Como é possível revelar os sentidos de itens lexicais utilizados por sujeitos de duas regiões do Estado de São Paulo?

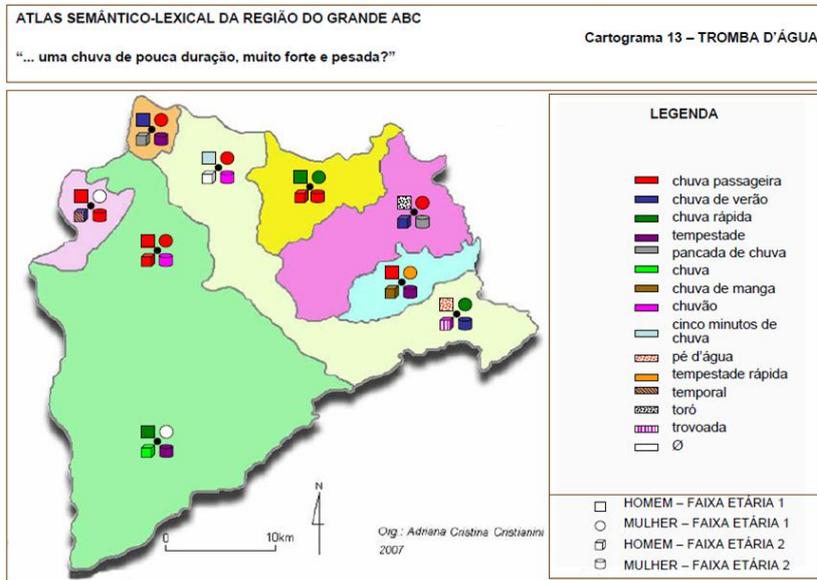
No presente trabalho, as duas questões acima são discutidas a partir do exame de dois atlas semântico-lexicais paulistas - o **Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC**, de Cristianini, doravante apenas ASL_ABC, e o **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo**, de Encarnação, doravante apenas ASL_LN. Após optar pelo tema *chuva*, dentre várias questões, seleciona-se uma em cuja resposta os sujeitos têm de se reportar a uma dada modalidade de chuva. A questão selecionada, que consta do questionário semântico-lexical utilizado no Projeto Atlas Linguístico do Brasil, é: “_____ uma chuva de pouca duração, forte e pesada?”.

3.1 Frequência e distribuição dos itens lexicais

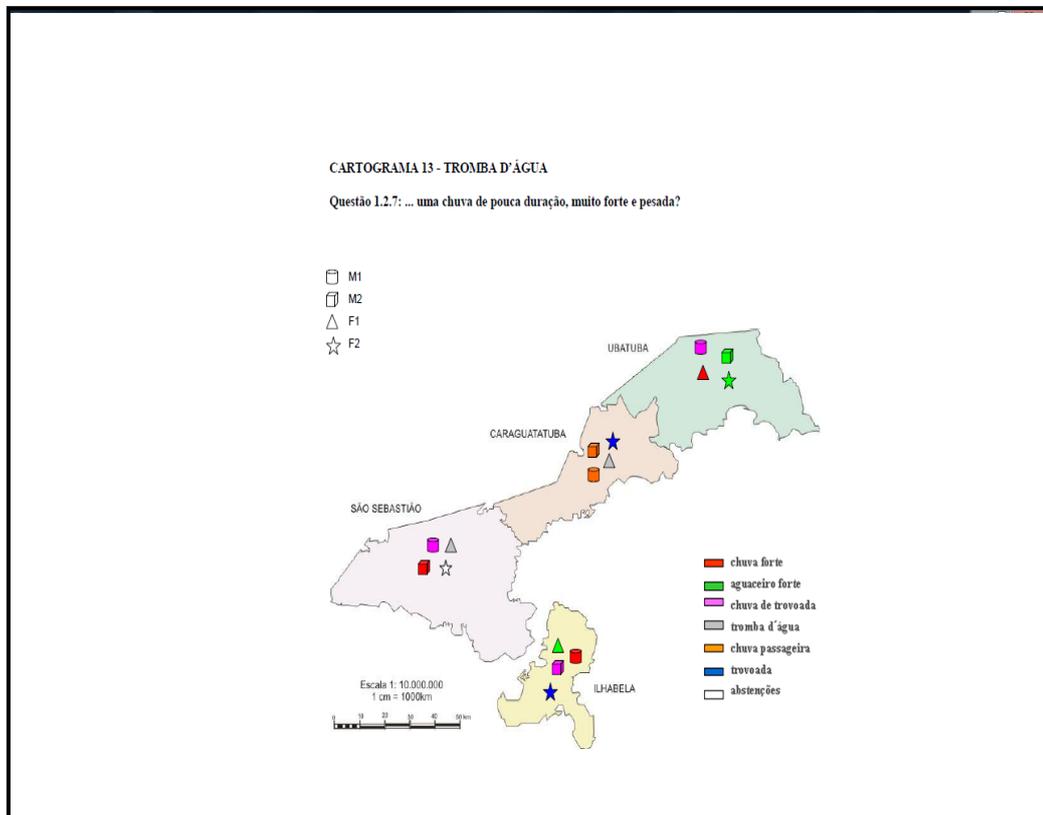
A primeira parte do trabalho consiste no levantamento da frequência e da distribuição dos itens lexicais referentes a essa modalidade de chuva, que aparecem nas respostas dos sujeitos. O procedimento, corrente na Geolinguística, aponta, nos dois trabalhos, a ocorrência dos seguintes itens lexicais: *chuva passageira*, *chuva de verão*, *chuva rápida*, *tempestade*, *pancada de chuva*, *chuva*, *chuva de manga*, *chuvão*, *cinco minutos de chuva*, *pé-d'água*, *tempestade rápida*, *temporal*, *toró*, *trovoada*, *chuva forte*, *aguaceiro forte*, *chuva de trovoada*, *tromba d'água*, *chuva passageira e trovoada*.

Em seguida, reproduzem-se os cartogramas que mostram a distribuição dos itens lexicais utilizados para designar essa modalidade de chuva, que aparecem nas respostas dos sujeitos, nos dois espaços. Ao lado dos cartogramas, apresentam-se as listas das ocorrências dos itens lexicais, em ordem decrescente de frequência.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO GRANDE ABC



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO LITORAL NORTE



A seguir, apresenta-se uma tabela resumitiva, em que figuram todos os itens lexicais dos dois trabalhos, com as respectivas frequências apontadas pelos autores, que constituíram o ponto de partida para a análise.

TABELA RESUMITIVA DOS ITENS LEXICAIS QUE OCORRERAM
NAS RESPOSTAS DOS SUJEITOS À QUESTÃO
“_____ UMA CHUVA DE POUCA DURAÇÃO, FORTE E PESADA?”

Item lexical	TRABALHOS			
	ASL_ABC		ASL_LN	
	Classificação por frequência - %			
chuva passageira	1)	22,22	2)	12,50
chuva de verão	2)	13,89		
chuva rápida	3)	11,11		
tempestade	3)	11,11		
pancada de chuva	4)	8,33		
chuva	5)	2,78		
chuva de manga	5)	2,78		
chuvão	5)	2,78		
cinco minutos de chuva	5)	2,78		
pé-d'água	5)	2,78		
tempestade rápida	5)	2,78		
temporal	5)	2,78		
toró	5)	2,78		
trovoada	5)	2,78	3)	12,50
chuva forte			1)	18,75
aguaceiro forte			1)	18,75
chuva de trovoada			1)	18,75
tromba d'água			2)	12,50
∅	4)	8,33	3)	6,25

A tabela acima mostra algumas diferenças com relação aos itens lexicais utilizados pelos sujeitos de ambas as regiões:

- (i) no ASL_ABC, o item lexical de frequência mais elevada é *chuva passageira* que, no ASL_LN, aparece na segunda posição, junto com *chuva de trovoada* e *tromba d'água*;
- (ii) *chuva passageira* e *trovoada* são os únicos itens lexicais comuns às duas regiões;
- (iii) enquanto os itens lexicais *chuva de verão*, *chuva rápida*, *tempestade*, *pancada de chuva*, *chuva*, *chuva de manga*, *chuvão*, *cinco minutos de chuva*, *pé-d'água*, *tempestade rápida*, *temporal* e *toró* ocorrem exclusivamente no ASL_ABC; os itens

lexicais *chuva forte*, *aguaceiro forte*, *chuva de trovoada* e *tromba d'água* são encontrados apenas no ASL_LN;

- (iv) o ASL_ABC mostra uma grande variedade lexical, tendo os sujeitos feito uso de nada menos do que 14 itens lexicais em suas respostas. No ASL_ABC, chama igualmente atenção o fato de haver nove itens lexicais diferentes na quinta posição.

3.2 Em busca dos sememas dos itens lexicais

Embora o levantamento da frequência e da distribuição do fenômeno nas duas regiões enfocadas na pesquisa seja pertinente como primeiro passo para a descrição da norma de um dado espaço, ele apenas ilustra a parte da realidade linguística circunscrita aos cartogramas e às tabelas. Com efeito, conforme apontado anteriormente, do ponto de vista semântico-lexical, o saber/fazer geolinguístico ultrapassa as fronteiras dos cartogramas e das tabelas e adentra o universo semêmico. Por conseguinte, em complementação aos cartogramas e às tabelas, a investigação semântico-lexical demanda o levantamento do semema do(s) item (itens) lexical (ais) que aparece(m) nas respostas dos sujeitos. No presente trabalho, aos cartogramas e às tabelas do ASL_ABC e do ASL_LN acrescenta-se o exame dos semas dos itens lexicais correspondentes a *chuva de pouca duração*, *forte* e *pesada*, encontrados nas respostas dos sujeitos.

A investigação conclui que, nos itens lexicais, destacam-se os seguintes semas⁵:

- (i) “fenômeno que resulta da condensação do vapor de água contido na atmosfera em pequenas gotas que, quando atingem peso suficiente, se precipitam sobre o solo muito próximas umas das outras” (HOUAISS; VILLAR, 2007);
- (ii) de curta duração;
- (iii) irrompe de modo súbito;
- (iv) caracteriza-se por ser forte.

Os semas acima, que contêm os traços semânticos pertinentes que definem os sememas dos itens lexicais dados como resposta classificam-se como inerentes. O exame do conjunto dos semas acima torna possível a inclusão dos itens lexicais dados como resposta no domínio “fenômenos da natureza”, entre os taxemas referentes à meteorologia. Dito em outras palavras, a leitura efetuada pelo homem permite que esses itens lexicais sejam interpretados como fenômenos meteorológicos.

Na passagem para o discurso, verifica-se o emprego do item lexical *chuva* com referência a *chuva de pouca duração*, *forte* e *pesada*; entretanto, é mais comum o emprego de *chuva* acompanhado de algum elemento linguístico de cunho especificador. Neste caso, os sujeitos destacam alguns semas do conjunto de semas inerentes apresentados acima, ficando os demais latentes. Assim, quando usam os itens lexicais *chuva passageira* ou *chuva rápida*, os sujeitos destacam os semas (i) e (ii). Este último semema aparece claramente nos adjetivos *passageira* e *rápida*.

Também podem ser salientados os semas (i) e (iv), como em *chuva forte* que remete a “chuva abundante cujas gotas se ligam ao cair formando fios, e que provoca ruído e borrifos altos na superfície onde cai, empoçando rapidamente (tem uma precipitação de 7,5 mm por

⁵ No presente trabalho, usam-se frases ou fragmentos de frases para denominar os semas. Justificamos esta opção com base na proposta exposta por Pottier (1987, p. 67) – “de notre point de vue, le sème doit se dire avec autant de mots de la langue naturelle qu’il faut pour bien mettre en relief le trait distinctif relatif à l’ensemble considéré.”

hora)” (HOUAISS; VILLAR, 2007). No caso em pauta, o dicionário registra a intensidade da chuva que os sujeitos identificam quando optam pelo item lexical *chuva forte*.

A combinatória dos semas (i) e (iv) pode ser igualmente vista em *chuvão*, em que o sufixo *ão* confere ao item lexical a ideia de grande quantidade. Este item lexical está registrado no dicionário com a seguinte observação - “Regionalismo: Brasil. Uso: informal.” (HOUAISS; VILLAR, 2007).

Nos itens lexicais até aqui apresentados ocorre a atualização do conjunto dos semas inerentes, com destaque para um sema ou mais de um. Entretanto, em outros itens lexicais, ao lado dos semas inerentes, figuram outros que se originam na atualização do semema do item lexical na interlocução discursiva. É o que ocorre com os itens lexicais arrolados a seguir, em geral compostos, em que apenas alguns contêm o item lexical *chuva*.

É o caso, por exemplo, de *pancada de chuva*. Classificado como regionalismo referente ao Brasil, designa “aguaceiro forte e repentino” (HOUAISS; VILLAR, 2007). O item lexical *pancada* tem, em seu semema, os semas “de uma só vez”, “de modo repentino”, “grande quantidade”, que, junto a *chuva*, designa “chuva forte e repentina” (CALDAS AULETE, 2011). Esses semas, originalmente do item lexical *pancada*, junto a *chuva*, passam a ser aferentes. Em outras palavras, em virtude do emprego contextual, acabam sendo integrados ao semema de *chuva de pouca duração, forte e pesada*.

Processo semelhante ocorre em *cinco minutos de chuva* e *chuva de verão*. Em ambos, o sema em destaque é “de curta duração”. No primeiro, ele advém de *cinco minutos*, enquanto no segundo está relacionado com *verão*, item lexical que se reporta à estação do ano. Segundo Galvani (2011), as chuvas de verão

ocorrem normalmente no final da tarde, que é justamente o horário de máximo aquecimento [...], principalmente no verão, (dá-se) o aparecimento de um gradiente de temperatura de superfície, que resulta em um gradiente, uma variação de pressão, que propicia o aparecimento dessas bolhas, dessas nuvens convectivas. Na nossa região, região tropical, 70% das chuvas ocorrem no verão, ou seja, pouco antes do verão, de outubro a março, aproximadamente o chamado período das águas...e desse total, pelo menos uma metade dessas chuvas ocorre no final das tardes e início da noite, que é o horário de máximo aquecimento.

Galvani (2011) afirma que elas também se denominam *chuvas de manga*, item lexical que também ocorreu na pesquisa. De acordo com o autor,

As chuvas de verão, ou chuvas convectivas ou chuvas de manga, como são chamadas. Chuva de manga porque é como se você estivesse debaixo de um pé de manga e alguém chacoalhasse o pé de manga, que tenha manga obviamente, e cai manga no perímetro da copa do pé de manga e ao lado não. Então a chuva convectiva tem essa característica de ser localizada, chove no centro, não chove no bairro, ou chove no outro bairro. E elas têm uma característica de ser de altos volumes e com alta intensidade, ou seja, um volume grande em um curto intervalo de tempo.

Observa-se aqui a ocorrência do sema aferente proveniente do emprego do item lexical *manga* na situação reportada acima, qual seja, “Chuva de manga porque é como se você estivesse debaixo de um pé de manga e alguém chacoalhasse o pé de manga, que tenha manga obviamente, e cai manga no perímetro da copa do pé de manga e ao lado não.”

O item lexical *chuva de manga* é definido como “regionalismo, referente ao Nordeste do Brasil e Centro-Oeste do Brasil chuva que cai no começo da estação chuvosa” (HOUAISS; VILLAR, 2007). Ferreira (2004) observa que o item lexical é de uso corrente em Goiás e se

refere às “primeiras chuvas da estação chuvosa, que caem em setembro e outubro.” Souza (1961, p. 109-110) também afirma que a chuva de manga designa “em Goiás, [...] os primeiros chuviscos que caem por ocasião da entrada das chuvas (setembro, outubro).” O autor acrescenta que “É nesta época que as mangueiras florescem. Também se diz, *chuva-de-caju*”. Este último item lexical, assim chamado “de Pernambuco ao Maranhão, indica as chuvas que caem em setembro e outubro e que servem para a maturação dos cajus”, não apareceu no *corpus*.

De grande produtividade, o item lexical *chuva de manga* pode ser encontrado em outros trabalhos, aparecendo, no **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul** e no **Atlas Linguístico do Paraná**, de diversas formas, como *chuva de manga*, *manga de chuva*, *manga d'água* ou apenas *manga*. No **Atlas Linguístico do Paraná**, diante da variedade de itens lexicais encontrados, a autora elabora uma carta exclusivamente para os itens lexicais compostos em que um de seus elementos é o item lexical *manga - manga de chuva*, *chuva de manga*, *chove as mangas* e *manga d'água*.

Nas notas que constam do verso do cartograma referente a *chuva de manga*, no **Atlas Linguístico do Paraná**, um dos sujeitos esboça uma explicação sobre o fenômeno que se aproxima daquela apresentada por Galvani, ao dizer:

é que usa falá aqui [...] aqui tem ... chove e vem o sol, então nós fala que é o casamento de viúvo aqui. Dá uma chuvinha [...] é que tem vez que nói usa falá chuva de manga a vez né, a vez passa nuvi carregada, chove lá mai(s) num chove aqui, intão dão o nome de chuva de manga (ALPR).

O item lexical *tromba d'água* define-se como um fenômeno meteorológico resultante da condensação de uma “grande quantidade de nuvens espessas que se movem, formando um cone cuja base é voltada para o alto” (HOUAISS; VILLAR, 2007). Neste caso, o formato de cone, que se institui na atividade discursiva, constitui um sema aferente do semema desse item lexical.

No item lexical *aguaceiro forte*, ocorre o sema “caracteriza-se por ser forte”. Com efeito, o item lexical *aguaceiro* designa “chuva forte, súbita e passageira” (HOUAISS, 2007). Assim, o item lexical *aguaceiro* já contém o sema “caracteriza-se por ser forte”, porém os sujeitos se utilizam do item lexical *forte*, incorporando um sema de intensificação ao conjunto.

Em *pé d'água*, destacam-se os semas “que irrompe súbito, passageira e forte”. Isso pode ser visto em Caldas Aulete (2011) que o classifica como brasileirismo e o define como “chuva repentina e intensa, mas pouco demorada”.

No item lexical *toró*, destaca-se o caráter onomatopaico do item lexical, traço proveniente da atividade discursiva, destacado por Houaiss e Villar (2007) e Caldas Aulete (2011).

Dois outros itens lexicais – *tempestade* e *temporal* - são também utilizados pelos sujeitos. Enquanto o primeiro designa uma “agitação atmosférica violenta, muitas vezes acompanhada de chuva, granizo, vento, raios e trovões; temporal, procela” (HOUAISS, 2007), o segundo remete a “chuva forte com vento; tempestade, estado de violenta agitação atmosférica que, segundo sua intensidade, se caracteriza por ventos cuja velocidade pode atingir de 62 km a 102 km por hora, na escala de Beaufort” (HOUAISS, 2007). Em ambos, os sujeitos ampliaram o sema atualizaram o sema “caracteriza-se por ser forte”.

Além de *tempestade* e *temporal*, ocorre também *trovoada*, que é, na verdade, uma tempestade acompanhada de trovões” (HOUAISS, 2007). Ocorre também *chuva de trovoada*, em que *trovoada* atua como especificador de *chuva*.

4 À guisa de conclusão

O presente trabalho analisou os itens lexicais que apareceram nas respostas de sujeitos paulistas à seguinte questão do QSL - “_____ uma chuva de pouca duração, forte e pesada?”. Dito em outras palavras, buscou analisar os itens lexicais que sujeitos paulistas, enquanto falantes/ouvintes de uma dada localidade, utilizam com referência ao mundo/espço dito real e, ao mesmo tempo, investigar como esse mundo/espço é elaborado e reelaborado por esses sujeitos na interação social.

Começou pelo levantamento da frequência e da distribuição dos itens lexicais que apareceram nas respostas à questão acima, a partir do exame dos cartogramas e das tabelas elaborados pelas autoras dos dois trabalhos. Esta primeira etapa indicou que há uma variação semântico-lexical relativamente significativa nas duas regiões. Nos dois trabalhos, ocorreram os seguintes itens lexicais: *chuva passageira*, *chuva de verão*, *chuva rápida*, *tempestade*, *pancada de chuva*, *chuva*, *chuva de manga*, *chuvão*, *cinco minutos de chuva*, *pé-d'água*, *tempestade rápida*, *temporal*, *toró*, *trovoada*, *chuva forte*, *aguaceiro forte*, *chuva de trovoada*, *tromba d'água*, *chuva passageira e trovoada*. Há vários itens de emprego exclusivo de uma das regiões e apenas dois itens em comum - *chuva passageira* e *trovoada*.

Embora esses fatos tenham-se revelado expressivos para a descrição da norma de ambas as regiões, eles não puseram em foco os sentidos dos itens lexicais que os sujeitos paulistas, de ambas as regiões, enquanto falantes/ouvintes, utilizam para se reportar ao mundo/espço dito real na interação. Por essa razão, o trabalho passou a uma segunda etapa, que consistiu no exame do(s) semema do(s) item (itens) lexical (ais) que aparecem nas respostas dos sujeitos, de acordo com Rastier (1987).

Na segunda etapa, a análise mostrou que os itens lexicais que aparecem nas respostas pertencem ao domínio “fenômenos da natureza” e se incluem entre os taxemas referentes à meteorologia. Mostrou também que os itens lexicais são constituídos de sememas, em que se combinam semas inerentes com semas aferentes de diferentes maneiras. Enquanto os semas inerentes têm um caráter definitório, os aferentes, oriundos da interação social, incorporam empregos contextuais no âmbito diatópico.

Mais do que analisar cada item lexical em particular, a análise buscou destacar/revelar alguns traços que caracterizam a combinatória de semas, com vistas ao enfoque dos itens lexicais que constam dos atlas linguísticos. Ao longo da análise, sobretudo na segunda parte, ficou patente que os itens lexicais que compõem os cartogramas de cunho semântico-lexical são parte integrante da atividade linguística produtora de sentidos, que se desenvolve em relação a um dado tempo histórico e no interior de uma comunidade linguística localizada num determinado espço.

Não obstante a necessidade de se fazerem outras investigações com vistas ao aprofundamento e, eventualmente, ao redirecionamento de elementos do referencial teórico-metodológico, já é possível observar que a presente abordagem pode trazer contribuições profícuas ao estudo do componente semântico-lexical em Geolinguística.

Referências

- AGUILERA, V. de A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- BAHKTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, H.N. **Analisando o discurso**. Disponível em: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Glossário cartográfico**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/glossario/glossario_cartografico.shtm#C. Acesso em: 23 nov. 2008.
- CALDAS AULETE, F.J.; VALENTE, A.L. dos S. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Edição brasileira original: Amílcar de Garcia. Lexikon Editora Digital.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Comesu. São Paulo: Contexto, 2006.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.
- CRISTIANINI, A.C. **Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC**. 2007. 741 fl. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CRYSTAL, D. **The Cambridge encyclopedia of language**. Cambridge, 1987.
- ENCARNAÇÃO, M.R.T. da **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo**. 3 vol. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FERREIRA, A.B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. São Paulo: Positivo. 1 CD ROM, 2004.
- GALVANI, E. **Entrevista à Revista Eletrônica “Território geográfico”**. Disponível em: <http://territoriogeograficoonline.com.br/site/?modulo=mat&chave=8&mod=Entrevistas>. Acesso em: 28 set. 2011.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 1 CD ROM, 2007.
- NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.
- OLIVEIRA, D.P. de **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.
- POTTIER, B. **Théorie et analyse en linguistique**. Paris: Hachette, 1987.
- RASTIER, F. **Sémantique interpretative**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.
- SANTOS, I.P. dos **Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas linguísticos brasileiros**. In: **27º Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**, 2005. CD Rom - Trabalhos do CELLIP, 2005.
- _____. **Memória e geolinguística: o questionário semântico-lexical**. In: **10º Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006.
- _____. **Análise do aspecto semântico-lexical em cinco atlas linguísticos brasileiros**. In: CUNHA, Cláudia de Souza (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006, p. 83-97.
- _____. **Ainda a Geolinguística na USP: realizações e tendências**. In: MAGALHÃES, L.S.J. de; TRAVAGLIA, L.C. (Orgs.) **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2008, p. 1367-1373.
- _____. **Memória coletiva, Geolinguística e relações textuais-discursivas**. In: SANTOS, J.B.C. dos **Sujeito e subjetividade, discursos contemporâneos**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009, p. 313-324.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA NETO, S. da **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOUZA, B.J. de **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1961.